



História Unicap
ISSN 2359-2370

Observações sobre a natureza:

a experiência de John Luccock pelo Pampa argentino e uruguaio no início do século XIX

Observations about nature: John Luccock experience in the Argentine and Uruguayan Pampa in the early 19th century

João Davi Oliveira Minuzzi*

jdminuzzi@gmail.com

Resumo:

Marcando os 200 anos da primeira publicação, ainda no idioma inglês, de “Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil” escrita pelo Comerciante inglês John Luccock (1770-1826) proponho revisitar este texto tão lido pela historiografia brasileira, porém agora com o foco em aspectos sobre a natureza e sobre o Pampa. Este relato de viagem trás passagens interessantes para refletirmos sobre as formas de pensamento ambiental e a relação humanidade-natureza no determinado recorte espaço-temporal. Neste artigo irei trabalhar especificamente com as experiências do viajante pelo Pampa argentino e uruguaio, uma viagem que ficou bastante restrita ao litoral, passando por cidades como Punta del Diablo, Maldonado, Montevideu, Colônia do Sacramento e Buenos Aires. Parto da História Ambiental para poder compreender as diferentes percepções da natureza existentes no século XIX, um período marcante por possuir uma variedade de formas de compreensão do mundo natural que acabavam refletindo diretamente nos usos que se faziam sobre a natureza.

Palavras-chave:

Relato de Viagem; Pampa; História Ambiental.

Abstract:

Marking the 200th anniversary of the first publication, still in the English language, of “Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil” written by the English merchant John Luccock (1770-1826) I propose to revisit this text widely read by Brazilian historiography, but now with a focus on aspects about nature and about the Pampa. This Journey Report brings interesting text passages for us reflect about the forms of environmental thought and the relationship between humanity and nature in the given space-time. In this article I will work specifically with the traveler’s experiences in the Argentine and Uruguayan Pampa, a trip that was very restricted to the coastline, passing through cities such as Punta del Diablo, Maldonado, Montevideo, Colonia del Sacramento and Buenos Aires. I start from Environmental History in order to understand the different perceptions of nature that existed in the 19th century, a remarkable period for having a variety of ways of understanding the natural world that ended up directly reflecting on the uses that occur in relation to nature.

Keywords:

Journey Reports; Pampa; Environmental History.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA) e membro do Grupo de trabalho de História Ambiental da Associação Nacional de História (ANPUH).

Neste artigo procuro analisar parte do relato de viagem do comerciante inglês John Luccock que percorreu algumas regiões da América do Sul, entre elas o bioma Pampa, entre os anos de 1808 e 1818. O texto de Luccock nos permite pensar uma grande variedade de aspectos sobre a vida deste período, especialmente sobre o Rio de Janeiro que é o foco do seu livro “Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil” publicado pela primeira vez em inglês no ano de 1820, completando no ano de 2020 exatos 200 anos de publicação.

O artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado e destaca trechos do relato referentes ao Pampa argentino e uruguaio. Cabe salientar também que, na ocasião da viagem que Luccock, as fronteiras da Argentina e do Uruguai não eram as mesmas da atualidade. As fronteiras dos Estados Nacionais no sul da América foram constantemente redesenhadas ao longo do século XIX e “mesmo com a oficialização dos limites territoriais de Brasil, Argentina e Uruguai ocorreram avanços e recuos das fronteiras políticas que não garantiram uma hegemonia territorial na área durante grande parte do século XIX.” (CESCO et Al, 2016, p.153).

A fronteira, uma convenção política e criação humana, de forma alguma separa totalmente a região ou a natureza, apesar de certamente ter influência nessas. Podemos ver que os pássaros continuam voando de um lado ao outro da fronteira, as plantas se dispersam em ambos os lados, as nuvens levam chuva aos países sem perguntar a nacionalidade de suas terras. Já a população humana e fronteiriça estabelece relações bem específicas que por vezes aproximam e por vezes afastam os dois lados da fronteira. Há estudos como os de Maria Lopes e Sara Ortellì (2006) e de Mariana Flores e Luìs Farinatti (2009) que dão conta da complexidade dessa questão fronteiriça, demonstrando que essa “linha divisória era porosa” (FLORES; FARINATTI, 2009, p.152) e criava interessantes relações sociais, políticas, econômicas e ambientais que até hoje são objeto de estudo pela historiografia.

O Pampa é um dos seis biomas brasileiros e tem sido pouco estudado pela História e tem recebido pouca atenção governamental em relação a sua proteção como aponta recente estudo (OVERBECK et al. 2015). Esta extensa região de planícies e campos é marcada pela grande presença de rios e arroios em uma zona de clima temperado, com precipitação média anual variando de 1200–1600mm, temperatura média anual ficando entre 13-17°C (OVERBECK, et Al, 2009) e onde “o tipo de vegetação campestre predomina, com muitas espécies herbáceas, arbustivas e de arvoretas coexistindo na matriz de gramíneas” (OVERBECK, et Al, 2009, p.28). “Chamamos de região pampeana uma ampla estepe herbácea,..., de temperaturas amenas, chuvas distribuídas de forma relativamente regular ao longo do ano e solos profundos com alto teor de matéria orgânica”¹. (BRAILOVSKI, 2009, p. 53, tradução nossa). O bioma atualmente é dividido pelas fronteiras de três países localizando-se na parte central da Argentina, no extremo sul do Brasil e na totalidade do território do Uruguai.

¹ No original: “llamamos región pampeana a una amplísima estepa herbácea,..., de temperaturas benignas, lluvias repartidas en forma relativamente regular a lo largo del año y suelos profundos con alto contenido de materia orgánica”.

Figura 1 - Distribuição espacial do bioma Pampa.

Spatial distribution of Pampa biome.



Fonte: GRIFFITH, Glenn; et Al. Ecological classification of the western hemisphere. United States Environmental Protection Agency, 1998.

As planícies do Pampa são uma das mais extensas do mundo e apresentam rica biodiversidade campestre com uma grande variedade de vegetação herbácea e arbustiva e grande variedade de espécies de peixes, anfíbios, insetos, aves e mamíferos. No solo do Pampa se encontram o imenso aquífero Guarani, um importante reservatório de água subterrânea, e uma diversidade de fósseis de animais pré-históricos, incluindo alguns dos mais antigos fósseis escavados no planeta.

Os Pampas foram considerados por Alfred Crosby (2011) como uma neo-europa, esse conceito serviria para agrupar “terras distantes milhares de quilômetros da Europa e igualmente distantes umas das outras” (CROSBY, 2011, p.14) que possuíam latitudes semelhantes, climas semelhantes e potencialmente propícios para a adaptação da biota europeia e da própria sociedade europeia, apesar de serem regiões com identidades culturais distintas (CROSBY, 2011). Essas neo-europas seriam zonas visadas pelos europeus por possuírem características naturais próximas do que naquele período se considerava ideal para os europeus, o que possibilitaria uma facilidade e familiaridade para o europeu se estabelecer e efetivamente colonizar a terra, trazendo consigo as plantas e animais dos quais já estava acostumado a lidar. Essa visão, ainda no século XIX auxiliou o processo de colonização dessas terras, trazendo “além de um significativo contingente populacional, uma nova forma de apropriação e transformação da natureza da região” (CESCO *et al*, 2016, p.152). No Pampa isso foi incentivado de forma a efetivamente estender a presença do Estado em zonas consideradas pouco povoadas constantemente associadas ao deserto e em zonas com intensa disputa territorial, seja em relação a outros Estados Nacionais ou aos povos indígenas que habitavam os campos do Pampa (MALLON, 2003; MÄDER, 2008).

A ocupação humana na América do Sul é relativamente recente, especialmente se comparada com outros continentes como África, Ásia e Europa. Com a conexão do istmo do Panamá a fauna e flora da América do Norte e Central passou a exercer pressão ecológica sob as espécies nativas da América do Sul. Dentre os animais que chegaram aqui estavam grupos humanos que passaram a residir em todo o continente. Habitaram o Pampa diversas etnias de povos nativos, como os Jês, os Charruas, os Minuanos, os Tapes, os Mapuche, entre outros (SUERTEGARAY, 2009). Alguns desses grupos continuavam a compor a população e a cultura do povo da região durante o século XIX, período em que diversos viajantes, como Luccock, percorreram esses campos. Em termos de impactos da ação antrópica, podemos destacar que eles se acentuam especialmente com a introdução da prática de horticultura exercida por grupos Tupi-Guarani, anos antes da chegada dos europeus (PEIXOTO, 2010). O período pré-europeu foi marcado também pela ausência de grandes espécies de pastadores no bioma Pampa. Estima-se que houve um intervalo de cerca de 8 mil anos entre a extinção dos últimos indivíduos dessas espécies e a introdução do gado trazido pelos europeus (BEHLING *et al*, 2009). Essa ausência tem sido apontada como um importante fator da constituição das características ambientais da região.

No Pampa anterior a conquista, a ausência de herbívoros importantes permitia que os pastos cumprissem seu ciclo biológico completo, nasciam, cresciam a grande altura, se reproduziam e morriam deixando os grandes pastagens secas que caracterizaram a planície antiga (...) A introdução do gado significou um súbito enriquecimento do solo pampeano. Depois de muitos milhares de anos de ausência de animais grandes, apareceram, se multiplicaram e morreram milhões de vacas e cavalos. (...) Nesse sentido, as

trocas ecológicas que facilitaram a expansão do gado possibilitou também o reassentamento do Pampa por parte de tribos indígenas, as quais, por sua vez, utilizaram o fogo com frequência. Assim, as trocas sociais e ecológicas parecem profundamente entrelaçadas (BRAILOVSKI, 2009, p. 53, tradução nossa).

2

O impacto ambiental do pisoteio do gado sob a vegetação campestre nativa continua sendo alvo de debates acadêmicos (ZARTH; GERHARDT, 2009; OVERBECK, et AL, 2009; BEHLING, et AL, 2009), porém tem se evidenciado que “a presença do gado e a pressão que este exerce sobre os ecossistemas campestres, diminuem a possibilidade de avanço da floresta sobre o campo e interferem na formação vegetal do pampa” (ZARTH; GERHARDT, 2009, p.255). Assim, o gado pode ter sido um fator importante na manutenção de zonas de campos, especialmente quando próximas de bordas florestais, todavia pode ter auxiliado para o enfraquecimento de espécies endêmicas de plantas e aberto caminho para o alastramento de espécies exóticas mais adaptadas ao convívio com animais pastadores.

A introdução de inúmeras espécies de fauna e flora exóticas por ação europeia reconfigurou os ecossistemas do Pampa e modificou tanto a paisagem quanto a forma da sociedade interagir com o seu meio. Muitas dessas espécies foram trazidas intencionalmente enquanto outras, especialmente plantas, desembarcaram em solo americano de forma silenciosa e não intencional. Encontrando um ambiente ideal para proliferarem, inúmeras espécies do Velho Mundo se multiplicaram facilmente pela região platina e por muitas vezes subjugaron espécies nativas no processo (CROSBY, 2011).

A região fronteira “presenciou conflitos lusocastelhanos e índio-afro-europeus por muitos anos, ajudando, assim, na disseminação de organismos exóticos vindos com as populações humanas estrangeiras, bem como no processo de modificação paisagística antrópica” (PEIXOTO, 2010, p.15). A colonização europeia da região platina se intensificou no século XVIII e XIX, apresentando grande acréscimo populacional e pressão contra os territórios de povos indígenas. Foi também nesse período que os nascentes Estados Nacionais latino-americanos passaram a constantemente traçar fronteiras no território do bioma Pampa. Nesse contexto de conflito e criação de identidades regionais, inúmeros viajantes, como John Luccock, percorreram essas terras e descreveram sua sociedade e natureza.

Como já mencionado este trabalho tem influência da História Ambiental, o campo historiográfico que volta sua atenção a relação sociedade-natureza. “Uma das principais contribuições da história ambiental tem sido defender unidades alternativas de análise, como a bacia hidrográfica, que nos permitem compreender processos complexos que se estendem para além das fronteiras políticas”³ (ZARRILLI, 2013, p.42, tradução nossa). Dentro desta perspectiva, trabalhamos com o recorte espacial do bioma Pampa que perpassa as fronteiras políticas dos Estados Nacionais, com

² No original: “En la pampa previa a la conquista, la ausencia de herbívoros importantes permitía que los pastos cumplieran su ciclo biológico completo, Nacian, crecían a gran altura, se reproducían y morían dejándolos grandes pajonales secos que caracterizaron a la llanura vieja. (...) La introducción del ganado significó un súbito enriquecimiento del suelo pampeano. Después de muchos miles de años de ausencia de animales grandes, aparecen, se multiplican y mueren millones de vacas e caballos. (...) En tal sentido, los cambios ecológicos que facilitaron la expansión de los ganados posibilitaron también la repoblación de la pampa por parte de tribus indígenas, las que, a su vez, utilizaron el fuego con frecuencia. Así, los cambios sociales y ecológicos aparecen profundamente entrelazados”.

³ No original: “One of the principal contributions of environmental history has been to champion alternative units of analysis, such as the watershed, which allow us to understand complex process that extend beyond political borders”.

isso, colocamos o ambiente em lugar de destaque ao invés de fazer um recorte político que comumente é a escolha nos trabalhos historiográficos. A ênfase no ambiente não diminui a importância das linhas de fronteira na região platina, pelo contrário, a zona fronteira faz parte integrante da análise de minha pesquisa, não como figura delimitadora do espaço, mas constituindo ele.

Um dos ramos da História Ambiental é o estudo das “percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação [que] se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza” (WORSTER, 1991, p.202). Podemos a partir desta perspectiva identificar quais elementos naturais foram exaltados e quais eram vistos como empecilhos e malquistos à percepção dos viajantes, pois “a eleição dos elementos que foram considerados ‘recursos naturais’ e, contrariamente, os que foram percebidos como problemas e entraves ao progresso também contribuem para formar um quadro geral da história ambiental local” (CESCO et Al, 2016, p.161) e nos auxiliam a compreender quais eram as visões de natureza destes viajantes levando em consideração que o século XIX foi um século rico no debate sobre a natureza, reunindo linhas de pensamento bastante variadas como podemos ver nos trabalhos de Keith Thomas (2010) e de José Augusto Pádua (2002). Devemos ter em mente que cada viajante possuía sua própria bagagem cultural e referências a respeito da natureza. Outros fatores irão influenciar no modo com que cada um deles percebe a natureza ao seu redor, como é o caso da estação do ano em que viajam pelo Pampa, podendo encontrar temperaturas bem variáveis, chuvas intensas ou secas persistentes. Percorrer os campos da região platina em períodos de paz, de conflito ou em épocas próximas de conflitos também altera a forma como as viagens são programadas e a percepção que o viajante tem tanto sobre a sociedade quanto sobre o ambiente. Esses exemplos ilustram uma variedade de fatores que devem ser observados pelo historiador que trabalha com conjuntos de relatos de viagem.

Identificar as diferentes formas de perceber e utilizar a natureza naquele período e naquele espaço através de relatos de viagem pode nos auxiliar a compreender de forma mais ampla e complexa como a sociedade se desenvolveu transformando o Pampa. Inclusive provendo exemplos de como o ambiente deste bioma foi alterado mesmo antes do processo de industrialização, já que o senso comum relaciona alterações ambientais praticamente apenas a partir do desenvolvimento industrial criando a “impressão de que os períodos anteriores foram de estagnação e de uma economia quase natural, que pouco ou nada teria produzido do ponto de vista técnico e que também não haveria interferido de modo significativo no ambiente” (FARINATTI, 2010, p.64). Alterações ambientais em diferentes intensidades e escalas provocadas pela ação humana já ocorriam no Pampa desde a chegada dos primeiros homínidos à região.

Considerar os elementos da natureza como agentes históricos e parte importante do passado é repensar a História e o nosso próprio presente, observando os acontecimentos de forma mais sistêmica e menos cartesiana. A atualidade possui forte influência da ecologia, mas a realidade do século XIX era completamente diferente. Apesar de muitas pessoas se preocuparem com o bem-estar animal e com as mudanças visíveis nos ambientes, os temas e debates a respeito da natureza eram outros. O século XIX apresenta debates intensos a respeito do papel da natureza e da nossa relação com ela, pensamentos românticos surgiam e se confrontavam com ideias mais antigas que buscavam organizar

e melhorar os espaços naturais. Há um longo processo histórico referente a estas formas de pensamento que não cabe ser debatido neste momento, mas se encontram de forma muito bem exposta no trabalho de Thomas (2010) para o caso inglês e de Pádua (2002) para a realidade brasileira. Estes autores direcionam a análise desenvolvida no artigo.

As diferentes formas de percepção ambiental do período podem ser encontradas nos textos deixados pelos viajantes que percorreram o Pampa ao longo do século XIX. Através destes relatos podemos nos deparar com uma variedade de temas a respeito do mundo natural que faziam parte do modo de vida e do cotidiano daqueles que tanto visitavam a região quanto daqueles que tinham aquele território como lar. Os viajantes chegavam no Pampa com suas concepções formadas a respeito da natureza e compartilhavam seus pensamentos com os habitantes locais e eram influenciados por eles a perceber o mundo de outras formas também. Por fim, vale destacar aqui que não há intenção de criar neste espaço uma biografia do viajante, mas iremos a seguir verificar alguns detalhes principais que podem e devem ser considerados para posteriormente prosseguirmos com a análise efetiva de seu relato.

Quem foi este viajante?

John Luccock (1770-1826) nasceu em Leeds na Inglaterra oriundo de uma família bem relacionada na cidade. Não há tantas informações sobre sua trajetória de vida quanto há sobre outros viajantes, porém seu texto não deixa de ser um dos mais conhecidos dentre os viajantes que passaram pelo território brasileiro no século XIX e cheio de passagens interessantes que revelam mais sobre diversos aspectos da vida naquele período.

Os Luccock eram uma família que trabalhava na indústria têxtil inglesa e John cresceu mergulhado neste meio, passando a exercer a profissão de vendedor de lã. Heaton (1946) revela que John também experimentou os campos da escrita e das invenções, sempre relacionado ao mundo têxtil. Foi pela sua forte ligação com o comércio que acabou embarcando para o Novo Mundo em busca de prosperidade. Ele não foi o único, se pensarmos no contexto do período verificamos que a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro e a abertura dos portos às nações estrangeiras e amigas criou um fluxo de navios e despertou o interesse dos mais variados comerciantes que passaram a ver o Brasil como uma possibilidade nova de expandir seus negócios de maneira volumosa. John Luccock, desembarcou pela primeira vez logo após a abertura dos portos em 1808. Entre idas e vindas ficou cerca de dez anos em território americano, só partindo definitivamente no ano de 1818. Neste período pôde estar em alguns dos principais centros comerciais do continente e ainda visitar vilas e localidades menos povoadas.

Como estratégia comercial fundou com um amigo a empresa Lupton & Luccock sediada no Rio de Janeiro. O início foi bem complicado pois muitos comerciantes ingleses começaram a aportar na nova capital do Império Português que logo viu uma oferta de mercadorias em demasia. Buscando escapar desta concorrência, Luccock rumou ao sul indo em direção a zona comercial do Rio da Prata procurando contatos e se inserir no mercado de Buenos Aires, Montevideu e região. Foi então que teve seu contato com o bioma Pampa e nos deixou alguns registros que revelam mais sobre a relação entre sociedade e ambiente nesta espacialidade.

Antes de nos aprofundarmos em suas impressões de viagem, voltemos nossa atenção à família que John Luccock constituiu. Heaton (1946) destaca que assim como muitos comerciantes do final do século XVIII o casamento foi um evento tardio na vida de Luccock. Casou-se aos 30 anos e teve cinco filhos logo nos primeiros anos de casamento. O casamento não deixava de ter relação com os negócios, já que se casou com uma Lupton, uma família muito mais proeminente nos negócios locais e regionais de Leeds e com contatos comerciais com Estados Unidos e Portugal – que foram fortemente deteriorados no período Napoleônico e que os levou a intensa crise. Outro ponto que podemos salientar é que Arthur Lupton, seu amigo, parceiro de negócios e agora parente, havia estudado na Alemanha com Johann Wolfgang von Goethe, um dos maiores expoentes do romantismo europeu. A princípio esta relação não prova nada, mas devemos ter em mente que Luccock não estava tão distante dos pensamentos românticos europeus e talvez ao analisarmos seu registro de viagem poderemos constatar, ou não, se Goethe teve influência suficiente em Arthur e indiretamente em John. Outro ponto de destaque é seu filho caçula, John Darnton Luccock (1808-1884), tornou-se prefeito da cidade de Leeds e manteve o nome da família nos principais círculos sociais da cidade nas décadas que se seguiram.

Trajetos de viagem e estrutura do relato

O relato de Luccock não é um relato diário e não apresenta uma sequência cronológica exata, por isso é complicado retrarmos um caminho exato pelo qual este viajante percorreu. É difícil inclusive ter a certeza que ele esteve presente em determinadas localidades ou se estava apenas escrevendo sobre estes locais através de informações recebidas por terceiros. É o caso de lugares distantes e pouco detalhados em seu relato como Assunção, Curuguaty, Neembucú e Vila-Rica no Paraguai ou Santa-Luzia, Santa Fé e Corpus no norte da Argentina. Para estes locais reserva poucas linhas e aponta os principais produtos que dali saem para abastecer o mercado de Buenos Aires, de Montevideu e da Europa, incluindo a madeira que é item escasso no Pampa. De forma geral o seu relato fica mais focado na foz do Rio da Prata e nas cidades costeiras por onde podemos constatar que efetivamente passou.

Como já mencionado, Luccock viajou até Buenos Aires procurando escapar da competição comercial instalada no Rio de Janeiro. Ele fica na bacia do Prata por poucos meses e retorna ao Rio de Janeiro com intenção de se estabelecer no sul onde o mercado era mais vantajoso, especialmente em relação ao produto que tinha mais familiaridade, a lã. Todavia, de volta ao Rio de Janeiro os ânimos haviam se alterado e Luccock viu ali oportunidades comerciais que antes não existiam, acabando por se fixar na cidade e desistindo de voltar definitivamente aos Pampas.

Enquanto permaneceu na região passou por Buenos Aires ficando a maior parte do tempo em sua zona portuária, inclusive estando por seis semanas retido em seu navio sob acusação de tráfico de mercadorias. Na costa Uruguaia descreve uma variedade maior de lugares e percorre caminho terrestre bastante comum para viajantes, sabemos que nomes como os de Auguste de Saint-Hilaire, Arsène Isabelle e Charles Darwin também passaram por este trajeto. Luccock descreve a costa oriental uruguaia a partir do navio destacando Punta del Diablo e La Paloma. Ao desembarcar

em Maldonado faz visitas as redondezas como Pan de Azúcar e San Carlos e ruma por terra até a capital Montevideu, todavia não adentra na cidade pois existia ali um clima de tensão especialmente em relação à ingleses já que em 1807 tropas britânicas haviam invadido a cidade. Assim ele continua seu caminho indo em direção à Colônia do Sacramento destacando no caminho a localidade de Santa Lucia que também aparece nos relatos de Saint-Hilaire (1987, p.166) e Darwin (2008, p.99).

Podemos notar que a passagem de Luccock pelo Pampa argentino e uruguaio é breve, bastante costeira e registrada de forma não linear, impedindo de termos certeza se todas as anotações são percepções próprias ou criadas a partir do relato de outros observadores. Ressalto estas características para termos em mente no momento da análise destas passagens, fazendo assim uma leitura crítica da fonte. Há muitos cuidados que devemos ter ao utilizar relatos de viagem como fonte historiográfica, pois mesmo que um trecho do relato tenha sido evidentemente elaborado pelo viajante ele não deixa de estar carregado de concepções do mundo, recortado pela percepção do observador que não é onipresente à cena e constituído de fatores que podem ter sido omitidos, exagerados ou misturados a informações e rumores escutados que não necessariamente eram verdadeiros. Momentos como este ocorrem muito quando os viajantes descrevem conflitos recentes através do que lhes é relatado por habitantes locais. Estamos em um mundo onde as informações circulavam de formas diferentes, os registros também eram diferentes e muitas lendas e causos se misturavam com acontecimentos reais, especialmente quando eram para valorar os feitos de heróis de guerra ou de infamar as ações dos grupos indígenas que viviam na região.

Em relação aos temas presentes no relato percebe-se que Luccock apresenta um foco na temática de negócios, explorando potencialidades e fragilidades de cada local em termos comerciais. Suas anotações parecem ter sido feitas logo após os fatos ocorrerem, mas seu livro parece ser um texto escrito posteriormente reunindo e condensando os relatos em um texto mais fluido. Segundo Heaton (1946) foram perdidos os três primeiros meses de anotação, exatamente as primeiras impressões que Luccock registrou sobre o Novo Mundo. Elas foram queimadas após um roubo que este sofreu. Estas anotações se referiam às zonas tropicais do Brasil e não tem relação com o Pampa, porém o fato demonstra como as impressões de viagem estão sujeitas aos mais diversos infortúnios. Luccock (1942, p.99) registra outra perda de suas anotações, desta vez foram escritos sobre trocas de saber com ribeirinhos sobre a pesca na região do Rio da Prata, infelizmente este trecho perdido poderia nos auxiliar a compreender melhor a relação daquela sociedade com o rio e com os animais não-humanos que o habitam.

Expectativas em relação à produtividade da terra e aos seus usos.

Ao chegar em Maldonado, então uma pequena vila na costa do atual Uruguai, o aspecto da localidade não agradou o viajante já que “vista do mar, (ela) não possui aparência lá muito atraente” (LUCCOCK, 1942, p.107), as casas da região eram feitas de barro e tiras de couro amarravam as rodas da carruagem do governador (LUCCOCK,

1942, p.107) enquanto os telhados eram geralmente feitos de taquara (LUCCOCK, 1942, p.110), demonstrando uma vida de simplicidade. Tais aspectos não só demonstram um choque cultural entre o viajante habituado a vida europeia com a realidade sul-americana, como nos fornece informação de usos de materiais no cotidiano daquela sociedade. O barro e o couro eram recursos comuns da região e substituíam outros como a madeira que não era encontrada em quantidade suficiente, mostrando como esta sociedade de hábitos europeus foi se adaptando as condições presentes na região assim que passaram a se estabelecer nela.

Passando os dias na cidade o sentimento não se alterava. “Nas ruas (de Maldonado) poucos transeuntes, e nos campos menores vestígios ainda da indústria humana” (LUCCOCK, 1942, p.108) um cenário considerado “excepcionalmente triste” (LUCCOCK, 1942, p.108). O viajante via a região como próspera, com um solo fértil e de grande riqueza natural, mas que ainda carecia de trabalho e intervenção humana. O que gerou comentários negativos a respeito da população local que na sua concepção não era industrializada. “Tratam de seus negócios de maneira mais descansada possível” (LUCCOCK, 1942, p.112), vendo aí oportunidades de prosperidade futura e considerando que os habitantes da região só despendiam energia para uma atividade: cavalgar, “na qual demonstram grande energia e agilidade” (LUCCOCK, 1942, p.112). Um exemplo deste seu pensamento sobre a potencialidade da região é visto ao passar pelos campos entre Maldonado e Montevidéu, que eram recobertos:

de boa terra que produz pouca madeira, salvo nas posições mais abrigadas, mas (que) fornece pastagens a inúmeros rebanhos. Para leste e oeste lança vários divertículos, que separam os numerosos riachos que nascem nas partes altas,..., dizem, porém, que sua fertilidade aumenta, assim como sua vegetação, à medida que se distanciam do mar (LUCCOCK, 1942, p.111).

Mesmo que os campos litorâneos não fornecessem boa quantidade de madeira, eram espaços privilegiados para a criação de gado e de fácil comunicação com outras localidades através do transporte marítimo. Como não adentrou pelo interior do Uruguai não pode constatar que a paisagem continuava relativamente semelhante com baixa taxa de cultivo da terra e apresentando poucas matas ciliares ao longo dos rios e arroios.

Esta noção, identificada no relato do viajante de que a terra deveria estar ocupada para possuir sentido e beleza era uma forma de perceber a natureza muito comum no século XIX, vinda de uma tradição de pensamento ainda mais antiga e que continua influenciando o pensamento da nossa sociedade ocidental. Verifica-se que “durante todo o século XVIII e algum tempo ainda, os aprimoradores continuaram a louvar essa paisagem uniforme de opulência e produtividade e a deplorar as vastidões não cultivadas” (THOMAS, 2010, p.363), assim o viajante que saía de uma Europa extremamente povoada onde buscava-se que cada pedaço de terra fosse cultivado para trazer alimento e trabalho, e chegava à América meridional com uma ocupação indígena da terra extremamente diferente e uma ocupação europeia efetiva ainda muito recente, podia se surpreender e se chocar de ver vastas extensões de terra não utilizada. Dentro desta lógica as características naturais do Pampa, extensos campos naturais, favoreciam o sentimento de vazio demográfico e de subutilização dos espaços para a agricultura ou para a pecuária. A concentração de terras em formas de grandes estâncias apenas potencializava esta sensação de vazio.

Ao aproximar-se da cidade de Montevideu “vistas mais interessantes o alegram: campos marcheteados pelas habitações do povo e animados pelas ocupações agrícolas. A montanha, que empresta seu nome ao local e se avista constantemente, torna-se objeto mais proeminente e curioso” (LUCCOCK, 1942, p.111), porém “até mesmo as melhores casas de campo mostram-se grandemente necessitadas de enfeitar-se com árvores” (LUCCOCK, 1942, p.111). A permanência de Luccock nesta região litorânea e mais povoada da Argentina e do Uruguai salientou em seu relato os fatores econômicos, destacando elementos naturais como mercadorias possíveis de serem comercializadas. Além disso, como não rumou para o interior acabou não entrando em contato direto com a região menos povoada do bioma, onde muito provavelmente sua visão destacaria ainda mais a sensação de vazio, de falta de trabalho e de baixa ocupação da terra.

A foz do Rio da Prata recebia ventanias perigosas e repentinas. Sobre esta característica escreveu que não valeria a pena tomar alguma providência maior mesmo que “umas poucas vidas e alguns bens podem dessa forma perder-se; mas uma inquietação receosa fracassaria, provavelmente, o mesmo tanto, sem contar que a prosperidade geral de homens e nações empreendedoras se veria por essa forma coibida” (LUCCOCK, 1942, p.99). Este trecho resume bem seu pensamento, que valoriza o trabalho, o comércio e o progresso mesmo que isto custe a vida de pessoas durante o processo. É interessante notar que este tipo de discurso pode muito bem ser constatado para outras temporalidades e realidades históricas, como o Brasil da atualidade.

A beleza de relance

O pensamento mais racional de ocupação e aproveitamento da terra não foi consenso ao longo do século XIX. O ponto de virada foi o desenvolvimento de um pensamento mais romântico que idealizava a natureza ao passo que a aproximava de Deus e da humanidade.

A antiga preferência por uma paisagem cultivada e dominada pelo homem conhecia uma contestação radical. Encorajadas pela sua facilidade para viajar e por não estarem diretamente envolvidas no processo agrícola, as classes educadas vieram a atribuir importância sem precedentes a contemplação da paisagem e à apreciação do cenário rural (THOMAS, 2011, p.316-317).

É comum verificar nos viajantes do período um misto desses pensamentos, para Luccock não seria diferente. Apesar de sua aproximação clara com um pensamento mais mercantil que visava explorar e controlar a natureza para dali tirar a maior quantidade de bens, o viajante que estamos acompanhando também tinha seus momentos de contemplação, onde exaltava características do mundo natural, nem que por breves momentos como na observação das nuvens em um “dia (que) estava belíssimo, com nuvens encarneiradas, uma brisa constante e uma pequenina névoa cinzenta adejando para sudeste” (LUCCOCK, 1942, p.98) ou ao admirar “uma noite escura, porém bela” (LUCCOCK, 1942, p.98).

A beleza do bioma Pampa ainda estava muito atrelada a potencialidade de explorá-la, pois a região “possuindo por natureza todas as riquezas, comodidades e belezas que podem conceder um clima excelente, um solo fértil e rios abundantes” (LUCCOCK, 1942, p.101) era um território com muitas potencialidades. Existe ali “alguns dos rios mais grandiosos do mundo” (LUCCOCK, 1942, p.101), as águas do Rio Paraná “reunidas correm com a majestade de um mar” (LUCCOCK, 1942, p.103) e são os rios desta região que formam uma “das planícies aluvionais mais extensas que atualmente existem sobre toda a superfície do globo” (LUCCOCK, 1942, p.104) “Em muitos trechos é coberto de matas majestosas que contem madeiras de grande valor, produzindo ricas resinas, frutos de delicioso aroma e várias ervas medicinais e officinais” (LUCCOCK, 1942, p.104). Os destaques aqui eram para o tamanho grandioso dos elementos naturais, para as possíveis mercadorias – madeiras, resinas, frutos – mas também para o caráter majestoso da corrente fluvial ou das matas que cresciam em suas margens, além dos cheiros que as frutas exalavam e que aguçavam o apetite de qualquer um. A atenção a beleza não estava exclusivamente voltada a sobrevivência ou ao trabalho, mas ao desfrutar aquilo que o ambiente oferecia de belo em si.

Nos arredores do forte Santa Teresa, próximo de Punta del Diablo, o viajante descreve a região ressaltando seu aspecto simples, porém encantador

donde a estrada para Maldonado é encantadora, passando por uma região acidentada de pequenos morros, cobertos de boa vegetação, com bastante água e abundante em veados. Nas poucas habitações que se encontram, não se deve esperar por nada que se pareça com esplendor, nem deve o viajante procurar por grandes aparências de conforto. As paredes, feitas de pau, com os interstícios tomados com lama, dão-lhes, porém, certa semelhança exterior com as cabas de Huntigdonshire; acham-se bem colocadas, com pequenos trechos de chão cultivado ao redor e abundantes pastagens para seus cavalos. O gado vacum vive selvagem e é mui numeroso. Os habitantes são inteiramente felizes no que tange às suas poucas necessidades, e estas amplamente supridas; (LUCCOCK, 1942, p.106)

Neste trecho, Luccock relaciona a paisagem ser encantadora por possuir um relevo irregular que animaria a vista e tiraria o marasmo de um campo extenso e regular característico de outras partes do Pampa e do qual era compreendido como exaustivo em termos estéticos por outros viajantes, como pôde ser observado em trabalhos anteriores (MINUZZI, 2017). Além do relevo interessante, ele aponta a presença de fonte de água, essencial para o estabelecimento e permanência de uma povoação e a abundância de animais, tanto exclusivamente selvagens como os veados, quanto domesticados ou alçados como o gado, que provém tanto uma rica dieta alimentar quanto uma rica atividade comercial. A comparação com uma região rural da Inglaterra faz com que o viajante possa estabelecer um elo com aquilo que lhe é familiar e também dar um apoio sensorial ao eventual leitor inglês que leia o seu relato sobre esta região tão distante da ilha bretã. Ressaltar o caráter simples das pessoas que habitavam aquele local pode ser uma tentativa bem romântica de relacionar estas pessoas a um caráter de pureza que lhes aproximaria ao divino, porém o texto não apresenta passagens suficientes para evidenciar tal ligação.

Ao ser liberto em Buenos Aires e chegar à Colônia do Sacramento escreve:

um sol esplêndido surgia do rio. O prazer que tive ao contemplá-la não provinha somente do cenário natural, nem tão pouco da sensação de liberdade recentemente conquistada, via-a também como o teatro

de muitas façanhas militares, motivo de negociações diplomáticas e sujeita talvez a transformar-se num ponto de grande importância para a nova situação do Brasil (LUCCOCK, 1942, p.101)

A ligação entre a beleza da paisagem e as conquistas e acontecimentos históricos também é algo marcante do movimento romântico e pode ser constatada especialmente nos quadros de pintores românticos de paisagem. O autor relaciona o passado cheio de façanhas com a natureza local tendo em vista o que poderia vir a torna-se a região: um “ponto de grande importância” para o país. O rio da Prata em sua visão era um rio “maravilhoso e caprichoso” (LUCCOCK, 1942, p.98) e mesmo estando detido nele não o deixava de admirar. Não pode-se verificar até que ponto as ideias de Goethe chegaram ao viajante inglês via seu amigo Arthur Lupton, mas uma análise futura do restante de seu relato pode vir a trazer algum resultado.

Em termos gerais sobre o bioma Pampa, Luccock resume comentando que

é uma zona mais para plana do que montanhosa, embora nela se encontrem algumas alturas consideráveis, sendo que quase por toda parte ela é suficiente onduladas para tornar-se enxuta e saudável. Existem, é verdade, alguns trechos pantanosos, junto aos grandes rios, mas estes, se jamais vierem a ser colonizados, hão-de formar terrenos da mais rica espécie. (LUCCOCK, 1942, p.101-102)

A respeito de zonas pantanosas, Keith Thomas demonstra em sua obra que “por toda a primeira fase dos tempos modernos prosseguiu esse labor – empurrando a lavoura colinas acima, recuperando charcos, drenando pântanos, convertendo charneças em solo arável” (THOMAS, 2010, p.360), onde resumidamente os pântanos eram vistos como regiões perigosas e carregadas de doenças. Curioso o fato que ele não recomenda a interferência nestes ecossistemas, apontando que não devem ser colonizados para assim serem “da mais rica espécie”.

Por fim, trago mais uma passagem interessante que resume novamente a região: “a imensidão das estâncias, a exuberância do solo, as pastagens luxuriantes e a natureza auspiciosa do clima” (LUCCOCK, 1942, p.112-113) marcam para este viajante o bioma Pampa em um misto de sentimentos a respeito da natureza deste local.

Números para “abalar a fé” de qualquer leitor e Histórias de pescador

Vamos tratar mais a respeito da fauna neste tópico Infelizmente Luccock não voltou sua atenção e seus registros a rica flora do Pampa. O destaque fica mesmo para as espécies de animais, especialmente aqueles relacionados a um sistema produtivo e capaz de movimentar o comércio regional e alavancar as economias das nações. A quantidade gigantesca de gado, especialmente o gado vacum e o gado cavalariço, estava intimamente relacionada as características naturais da região, bem como ao modo de utilização da terra por parte dos colonizadores europeus. “O país todo aqui consiste de pastagens naturais; o total do gado vacum e cavalariço é ignorado, e uma boa parte dele inteiramente inútil aos seus donos” (LUCCOCK, 1942, p.112), seus números poderiam impressionar qualquer criador inglês ou leitor do relato, que iriam imaginar serem números irrealistas e enganosos.

Um fator que contribuía na grande quantidade destes animais era o tamanho das propriedades, muito maiores do que qualquer uma na Inglaterra. “As vastas propriedades da nobreza britânica, medidas em acres, reduzem-se a insignificantes hortas quando cortejadas com as fazendas, medidas não em milhas, mas em léguas, (porém) são improdutivas” (LUCCOCK, 1942, p.112). A região era abundante tanto em terras quanto em animais voltados a um comércio produtivo, porém a recente ocupação e diversos conflitos pareciam atrapalhar o desenvolvimento de todo o potencial que Luccock percebia que ali existia. Um morador local muito conhecido, o qual Luccock não nomeia, teve sua propriedade diversas vezes invadida durante a guerra e “seu gado fora abatido e seus cavalos tomados sem a menor restrição, e muitos deles, ariscos e selvagens tinham fugido de seus pastos costumeiros” (LUCCOCK, 1942, p.112), isto resultava em manadas mistas de gado alçado com gado selvagem que com o tempo passaram a ser introduzidas no complexo sistema produtivo de gado dos Pampas, modificando a forma como os trabalhadores do campo lidavam com o gado (FARINATTI, 2010).

Os cavalos estavam por todos os lugares e faziam parte importante do cotidiano dos habitantes do Pampa. Com intenção de visitar os arredores de Maldonado, um companheiro de viagem de Luccock recebeu de empréstimo “um bellissimo cavalo preto” (LUCCOCK, 1942, p.108) de um senhor e sua família que ainda lhe serviram um almoço para completar a hospitalidade marcante daquelas terras.

Além dos diferentes tipos de gado, os campos do Pampa possuem uma grande variedade de outros animais como aves migratórias, felinos, répteis, insetos, etc. Nem todos estes mereceram menção, foram avistados ou dignos de nota aos olhos de John Luccock. Porém alguns animais selvagens foram mencionados, como é o caso das Focas, dos Veados, dos Peixes e dos Tubarões, uma variedade baixa de espécies se comparada com outros viajantes, mas considerando a breve viagem, o breve relato, o trajeto realizado e o contexto do autor, faz sentido não serem tantas espécies registradas.

Sobre peixes e focas o viajante cria a hipótese que estes tem cada vez mais se afastado da foz do rio da Prata devido ao “aparecimento freqüente de embarcações” (LUCCOCK, 1942, p.99), se sua observação estiver correta demonstra que a presença humana altera a vida da fauna marinha local tanto de forma direta, através da pesca, quanto indiretamente, através de sua simples presença e movimentação por vias marítimas e fluviais. Além de demonstrar que os animais passam a aprender com o comportamento do humano, especificamente da caça-pesca realizada pelos humanos.

Os peixes da bacia do rio da Prata são a grande estrela de seu relato. Por vezes totalmente ignorados pelos outros viajantes e preteridos pelos gaúchos em relação a alimentação da carne de gado, os peixes ganham nas linhas de Luccock um papel de maior protagonismo. “Para iludir o tédio da ociosidade” (LUCCOCK, 1942, p.99) ao estar preso no porto de Buenos Aires por seis semanas acaba pescando e trocando conhecimento com locais sobre os peixes da bacia do Rio da Prata e passa a descrever uma grande variedade de espécies e como cada uma interagia de diferentes formas com a população humana.

Bagre, Armado, Palmeto, Zurubí, Pacú, Bôca e Reyes⁴ são as espécies descritas na bacia do Rio da Prata. O viajante destaca seu papel na culinária e economia local, a frequência com que aparecem nas águas do rio, suas características físicas das quais algumas são consideradas muito esquisitas ao olhar do viajante. Até mesmo a periculosidade de determinadas espécies é registrada, como é o caso do Palmeto, do qual “dizem que os ferimentos provocados por elas são perigosos e talvez de-fato o sejam quando atingem algum tendão,..., fui, no entanto, uma vez ferido por um desses peixes, pouco depois de ser ele agarrado, e não sofri nenhuma consequência maligna” (LUCCOCK, 1942, p.100).

O viajante compõe suas descrições de peixes através do conhecimento adquirido pela experiência e pelo contato com o saber local acumulado por muitos e muitos anos. E apesar de não ser um estudioso do mundo natural deixa informações relevantes sobre o tema e sobre a região que dificilmente se encontram em outras fontes históricas.

Considerações Finais

A breve passagem de John Luccock pelo Pampa nos propicia apenas um gostinho das experiências que ele poderia ter vivido e registrado se tivesse permanecido na região por mais tempo e explorado localidades mais afastadas dos principais centros populacionais. O viajante descreve diversas passagens interessantes que nos auxiliam a refletir e a compreender o período especialmente no que se refere à relação humanos-natureza. As características naturais do bioma, questões de espacialidade, a presença da fauna nativa e exótica, os usos dos recursos naturais e tantos outros temas podem ser ao menos parcialmente compreendidos e quando relacionados com outros relatos de viagem e outras fontes são capazes de montar um quebra-cabeça mais completo sobre o período. A obra de Luccock ainda permite aos historiadores escreverem uma História mais plural de elementos e agentes, buscando construir um quadro com mais detalhes e profundidade onde os elementos do mundo natural estão cotidianamente interagindo com a sociedade, sendo influenciados por ela e influenciando ela.

O pensamento de Luccock, assim como de outros viajantes, se mostra bem plural e característico do período. Sofre influência de diferentes correntes de pensamento a respeito da natureza e podemos compreender melhor esta concepção ao analisarmos o contexto de onde o autor vem. O contato que os viajantes estabeleciam com a população local vai aos poucos criando uma troca de percepções sobre a natureza local que acabam refletindo nos rumos do uso da terra, da extração dos recursos naturais e da relação com a fauna e flora da região, modificando assim não apenas a história dessa sociedade, mas também a história da biodiversidade do bioma Pampa.

⁴ Luccock não escreve o nome científico dessas espécies, utilizando apenas o nome comum dado pelos habitantes locais. Não é possível identificar através da descrição do viajante a espécie correta de cada peixe, porém podemos supor que o Armado se trata possivelmente de um Abotoado do gênero *Pterodoras*. Já o Zurubí provavelmente é um Surubi do gênero *Pseudoplatystoma*. O Reyes e o Pacú são descritos pelo viajante como sendo da mesma espécie.

Referências

- BEHLING, Hermann; et al. Dinâmica dos campos do sul do Brasil durante o quaternário tardio. In: PILLAR, Valério De Patta; et al. *Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade* – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- CESCO, Susana; et al. Meio Ambiente e Fronteira: a Exploração dos Recursos Naturais na Fronteira Brasil-Argentina-Uruguai. In: *Revista perspectiva geográfica* (online), v. 11, n.15, jul.-dez, 2016. p. 152-164.
- CROSBY, Alfred. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DARWIN, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- FARINATTI, Luís Augusto. Domesticação, técnica e paisagem agrária na pecuária tradicional da Campanha Rio-Grandense (século XIX). In: COSTA, Benhur; Dieckel, Mara (Orgs.). *A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.
- FLORES, Mariana; FARINATTI, Luís Augusto. A fronteira manejada: apontamento para uma História social da fronteira meridional do Brasil, século XIX. In: *Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma História comparada da América Latina*. Org. HEINZ, Flávio. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- GRIFFITH, Glenn; et al. Ecological classification of the western hemisphere. United States Environmental Protection Agency, 1998.
- HEATON, Herbert. A Merchant Adventurer in Brazil 1808-1818. IN: *The Journal of Economic History*, vol. 6, n. 1, 1946, p. 1-23.
- LOPES, Maria Aparecida; ORTELLI, Sara. *Fronteiras Americanas: entre interações e conflitos, séculos XVIII-XX*. Estudos de História, Franca, v. 13, n. 2, 2006.
- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
- MÄDER, Maria Elisa. *Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX*. In: História Unisinos. São Leopoldo, 2008.
- MALLON, Florencia. Las Sociedades Indígenas frente al nuevo orden. In: VASQUEZ, Josefina Zoraida, et. Al. *Historia general de América Latina: La construcción de las naciones latinoamericanas, 1820-1870*. UNESCO, 2003.
- MINUZZI, João Davi Oliveira. *Uma impressão a cada viagem: Percepção da natureza do Pampa na visão de viajantes europeus 1818-1858*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, 2017.
- OVERBECK, Gerhard; et. al. Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado. In: PILLAR, Valério De Patta; et al. *Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade* – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- OVERBECK, Gerhard; et. al. Fisionomia dos Campos. In: PILLAR, Valério De Patta; LANGE, Omara. *Os Campos do Sul* – Porto Alegre : Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015, p. 31-42.
- PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- PEIXOTO, Dilson. *Do gado as matas: O impacto ambiental no rio grande do sul a partir da memória de viajantes (1808-1822)*. Santa Maria: Unifra, 2010.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, 1987.
- SUERTEGARAY, Dirce; SILVA, Luís Alberto Pires. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, Valério De Patta; et al. *Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade* – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: *Estudos Históricos*. v. 4, n. 8, 1991.
- ZARTH, Paulo Afonso; GERHARDT, Marcos. Uma História Ambiental do Rio Grande do Sul. In: TEIXEIRA FILHO, Althen (Org.). *Lavouras de destruição: a imposição do consenso*. Pelotas: Livraria mundial, 2009.
- ZARRILLI, Adrián. The La Plata Basin: Rivers, Plains, and Societies in the Southern Cone. In: *New Environmental Histories of Latin America and the Caribbean RCC Perspectives 2013*, n. 7, p. 41-47.

Submissão: 30/09/2020

Aceite: 23/01/2021

433